

O homem e a filosofia

Antônio Paim – Instituto Brasileiro de Filosofia

Doutor em Filosofia e Livre Docente

E-mail: apaim@itn.org.br

Data de entrega: 03/04/2008

Data de aprovação: 08/05/2008

Resenha de: José Maurício de Carvalho. **O Homem e a filosofia.** Pequenas meditações sobre Existência e Cultura. 2 ed. Porto Alegre: PUCRS, 2007, 236 p.

José Maurício de Carvalho vem entregar ao público a segunda edição de *O Homem e a Filosofia* (1ª edição, 1998). Nessa obra procura dar continuidade à meditação iniciada por Tobias Barreto (1839/1889) e, contemporaneamente, desenvolvida basicamente por Miguel Reale (1910/2006). Para Tobias Barreto tratava-se de encontrar um caminho que pudesse libertar-nos da camisa de força que nos sugeria o positivismo, ao postular que a pessoa humana era determinada e determinável. Sabemos que essa autêntica enfermidade, infelizmente, contagiou muita gente no período republicano de nossa história, o que explica nos encontrarmos, ainda hoje, diante de verdadeira esterilização das consciências em várias esferas do saber.

A proposta superadora do positivismo, da lavra de Tobias Barreto, consistia em demonstrar que a ação humana se explicava por causas finais, sendo impossível compreendê-la se

nos ativésemos aos marcos da causalidade eficiente (ou seja, os antecedentes identificáveis e mensuráveis). Miguel Reale teria o mérito de indicar precisamente o problema filosófico a ser elucidado: em que consistia o “ser do homem”. Aceitando a proposição de Tobias Barreto de que a moral estruturava o horizonte último da ação, diria Miguel Reale que “o ser do homem é o seu dever ser”. Não se trata de um “dever ser” simplesmente dado, mas algo que envolve uma construção social onde a correlação essencial seria entre “experiência” e “cultura”, título de sua obra filosófica fundamental e que corresponde a autêntico marco da contemporânea filosofia ocidental.

Qual é a proposta de José Maurício de Carvalho no sentido de levarmos mais longe essa investigação? Dizendo-o de forma muito geral: tratar-se-ia de aproximar “existência” e “cultura”. Ao longo de sua vida, o homem encontra razões para viver e, como diz, objetiva valores, isto é, vivencia como propiciar a valoração advinda de sua circunstância existencial. Contudo, afirma o autor (p. 27):

De muitos modos e meios a consciência da finitude e da facticidade emergem na consciência. A morte de alguém próximo, o sofrimento brutal a que estamos expostos, a falta de reconhecimento por parte de quem se ama ou se respeita. Tudo isto introduz no mundo do existente a dimensão da tragédia. É verdade que nem tudo desarticula o mundo do sujeito, fragmentando-o e fazendo-o sentir-se

perdido. No entanto, quando de algum modo isto ocorre, nada do que foi objetivado pode verdadeiramente ajudar.também não se pode, com base nisto, supor que o homem vá abandonar a tarefa de construir o mundo e objetivar valores. A consciência do aspecto trágico da Existência conforta. Por meio dela o homem reencontra o sentido de sua vida.

Para José Maurício de Carvalho (p. 40):

A constatação de que a vida é singular, que a vivemos uma única vez, não significa que estejamos predestinados a submergir nas circunstâncias e nos afogar num mar de angústias. Existência é realidade que permite escolhas, que possibilita projetar para o futuro e, também, ajuda a mudar o entorno.

O problema, pois, reside nas escolhas. Trata-se da mesma questão com que esbarrou Kant. Resolveu-o numa perspectiva protestante, em que a pessoa não mais conta com quem lhe abra a porta do Céu, devendo lidar com isto direta e solitariamente. Assim, a pessoa em causa precisaria dispor de alguém com quem se comparar, a que chamou de “sábio estóico”. Para traçar o seu perfil, num contexto cristão de cultura, reordenou os Dez Mandamentos para dele retirar um ideal de pessoa humana. Definiu-o como sendo um fim em si mesmo, que não poderia ser usado como meio. O “**imperativo categórico**” completa o ciclo em que o problema da escolha é

enfrentado, no plano filosófico. Na escolha da lei moral é que residiria a liberdade humana, porquanto se trataria de resistir às inclinações.

Veja-se a solução que nos propõe José Maurício de Carvalho (p. 132): “A ênfase na Existência trouxe para primeiro plano a preocupação com a morte, pois ela integra o processo que chamamos de vida”. No seio da corrente existencialista não se chegou a um acordo quanto à aceitação do que denomina de razão religiosa capaz de justificar a morte. Nas suas considerações acerca desse último tema, encontro esta afirmativa que, parece-me, poderia ser tomada como a solução ensejada pelo autor (p. 133):

Entendendo-se como um ser para a morte, o homem tem que ter com sua vida um cuidado muito maior. Em cada momento de seu existir ele deve se indagar a respeito do que faria se aquela fosse sua última ação.

Assumir a autenticidade da Existência consiste em reconhecer que cada ação é em certo sentido a derradeira. A cada instante a vida humana torna-se verdadeiramente mais curta.

Seria, pois uma nova modalidade da pessoa humana dar-se conta da responsabilidade pessoal, ou seja, do que Max Weber chamou de “ética de responsabilidade”, em contraposição à “ética de convicção”. Como se vê, as meditações de José Maurício de Carvalho sobre a Existência são efetivamente instigantes.